

RESENHA: Pierre Bourdieu. COISAS DITAS

(tradução: Cássia Silveira e Denise Pegorin.

Revisão Técnica: Paula Montero).

São Paulo: Brasiliense, 1990, 234p.

Afrânio Mendes CATANI (*)

Em *De Perto e De Longe* (1988; edição brasileira, 1990), magnífico livro de entrevistas que o jornalista Didier Eribon realizou com o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908), este comentou que muitas pessoas o procuraram e disseram que seu livro *Paroles Données* (1984; edição brasileira: *Minhas Palavras*) era bom, interessante, "mas muito difícil". O velho bruxo estruturalista riu e falou a Eribon que o livro era dos mais fáceis de toda a sua produção escrita, mas que ainda é uma obra relativamente difícil. Acrescentou ironicamente: descobri que "eles não haviam lido meus trabalhos anteriores."

Acredito que raciocínio semelhante pode ser aplicado às obras e ao último livro, *Coisas Ditas*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930): autor de cerca de 25 livros e de mais de 250 artigos em periódicos científicos especializados, é conhecido do público acadêmico brasileiro por *A Reprodução* (1970), escrito juntamente com Jean-Claude Passeron, apesar de alguns outros livros seus já terem sido editados entre nós, tais como *A Economia das Trocas Simbólicas* (1974), *O Desencantamento do Mundo* (1979), *Questões de Sociologia* (1983) e *O Poder Simbólico* (1990). Todavia, apesar de *Coisas Ditas* reunir 15 textos falados em debates, entrevistas, palestras e conferências, e para públicos

(*) Professor Assistente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

os mais distintos possíveis - ou seja, apesar de estar escrito numa linguagem mais coloquial - , longe está de ser considerado um livro "simples e fácil". Ou, por outro lado, se alguém achá-lo "difícil", é porque ainda não leu muitos outros de sua autoria.

Coisas Ditas tem início com um curioso "prólogo", em que Bourdieu explora algumas questões das mais relevantes, tais como as facilidades proporcionadas pela fala ("que permite ir rapidamente de um ponto a outro, queimando as etapas que um raciocínio rigoroso deve marcar uma por uma, autorizando contrações, abreviações, aproximações favoráveis à evocação de totalidades complexas que a escrita desdobra e desenvolve na interminável sucessão de parágrafos"); a abolição da censura ("que impede de responder, na própria escrita, às perguntas que, do ponto de vista do profissional, não podem ser vistas como triviais ou inaceitáveis"), praticamente inevitável em um texto escrito; as resistências que o discurso oral suscita (porque é preciso dizer "a cada auditório, sem provocação mas também sem concessão, o aspecto da verdade que para ele é o mais difícil de admitir, ou seja, o que acreditamos ser a sua verdade, servindo-nos do conhecimento que acreditamos ter de suas expectativas..."). É por isso que as incertezas e imprecisões desse discurso deliberadamente imprudente têm, "como contrapartida, o tremor da voz, que é a marca dos riscos compartilhados em toda troca generosa e que, se for percebido, por menor que seja, na transcrição escrita, parece-me justificar sua publicação" (p.12; grifos meus).

Os 15 textos reunidos em *Coisas Ditas* conduzem o leitor à trajetória intelectual de Bourdieu, à origem e construção de seus conceitos fundamentais e a um debate com seus críticos, além de mapear as principais questões (teóricas e práticas) que o estavam preocupando entre 1980 e 1986. A primeira parte do livro ("Itinerários") reúne duas longas entrevistas do autor, "Fieldwork in philosophy" e "Pontos de Referência", acompanhando toda sua formação intelectual, inserção institucional, envolvimento com equipes de pesquisa etc.

A parte seguinte ("Confrontações"), com sete textos, abre-se com uma entrevista intitulada "Da regra às estratégias", em que procura mostrar porque operou a substituição das regras de parentesco pelas estratégias matrimoniais, entabulando profunda discussão com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss. Aparecem, em seguida, "A Codificação", onde trabalha o conceito de "habitus" (fundamental em seu esquema de pensamento), bem como dois textos em que a sociologia da religião é tema básico ("Sociólogos da crença e crenças de sociólogos" e "A dissolução do religioso"). Completam esta segunda parte outros três artigos: "Objetivar o sujeito objetivante", em que o conceito de campo (intelectual) é explorado; "O interesse do sociólogo", acerca do diálogo entre economistas e sociólogos, e, finalmente, "Leitura, leitores, letrados e literaturas", onde interroga-se sobre as condições de possibilidade da leitura.

A terceira e última parte ("Aberturas"), com seis artigos, inicia-se com "Espaço social e poder simbólico", prossegue com ensaio sobre "O campo intelectual" e mostra como vários outros campos (político, religioso, médico, comercial, entre outros) falam em nome do "povo" ("Os usos do 'povo'"). "A delegação e o fetichismo político" trata essencialmente do campo político, enquanto que o esporte é contemplado em "Programa para uma sociologia do esporte". Finalmente, "A sondagem: uma 'ciência' sem cientista" não agradará, provavelmente, aos pesquisadores de opinião.

Voltando a sociologia contra os poderes ou as classificações socialmente estabelecidas e, também, contra si próprio, como instrumento de auto-análise indispensável, Bourdieu escreve que "o mal da sociologia é que ela descobre o arbitrário, a contingência, ali onde as pessoas gostam de ver a necessidade ou a natureza (...); e que descobre a necessidade, a coação social, ali onde se gostaria de ver a escolha, o livre-arbítrio..." (p.27). Ou ainda: "Dizer que se pode pensar ao mesmo tempo com e contra um pensador significa contradizer radicalmente a lógica classificatória com a qual se costuma pensar(...) a relação

com as idéias do passado. A favor de Marx, como dizia Althusser, ou contra Marx. Acho que é possível pensar com Marx contra Marx ou com Durkheim contra Durkheim, e também, é claro, com Marx e Durkheim contra Weber, e vice-versa. É assim que funciona a ciência" (p.65-66). Convenhamos, essa postura intelectual não é comum na sociologia contemporânea.

(Recebido para publicação em 25.02.91 e liberado em 4.03.91.